

AUTOBIOGRAFIA

J. L. MORENO

Tradução: Luiz Cuschnir



Do original em língua inglesa
THE AUTOBIOGRAPHY OF J. L. MORENO, M.D.
Copyright © 2014 by Summus Editorial Ltda.

Este texto foi originalmente publicado no *Journal of Psychodrama, Group
Psychotherapy and Sociometry*, v. 42, n. 1 e 2, 1989, e sua publicação em
português foi autorizada a Luiz Cuschnir pelos herdeiros de J. L. Moreno,
Zerka Toeman Moreno e Jonathan Moreno

Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Tradução: **Luiz Cuschnir**
Revisão técnica: **Mariana Kawazoe**
Fotografias: **acervo pessoal da família Moreno**
Capa: **Paulo Humberto L. de Almeida / Ludovico Design**
Diagramação: **Triall Composição Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO.....	7
APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	31
1. OS PRIMEIROS ANOS.....	33
2. UM NOVO PROFETA	53
3. CHAIM KELLMER E A RELIGIÃO DO ENCONTRO.....	68
4. ATIVISMO E ESPECULAÇÃO: NAZISMO, COMUNISMO E EXISTENCIALISMO	75
5. O CURSO DE MEDICINA E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	86
6. VIENA PÓS-GUERRA: <i>DAIMON</i> E O TEATRO DA ESPONTANEIDADE..	101
7. VÖSLAU.....	117
8. SONHOS DE UM PROFETA.....	131
9. MINHA BUSCA DE UMA NOVA MUSA	149
10. ZERKA	156
11. DOIS SÓCIOS EM VIAGEM.....	170
OBITUÁRIO.....	179

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Algumas obras têm uma produção (ou *making of*, como o pessoal de cinema gosta de chamar) tão interessante que o trabalho de realizá-las acaba virando uma obra adicional. A história por trás desta autobiografia de J. L. Moreno talvez não necessite de um livro, mas com certeza merece um capítulo à parte.

Começemos pelo final: quando o dr. José Fonseca Filho me falou em reeditar a autobiografia, a ideia coincidiu com um movimento que existia dentro de mim no sentido de ampliar a divulgação desse livro que publiquei há 20 anos. Ele estava esgotado no Brasil, e em todo congresso da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) a que eu comparecia com alguns exemplares remanescentes via-os ir embora muito rapidamente. O constante crescimento da comunidade psicodramática foi outro fator para aumentar a cobrança de uma reedição desse particular testemunho de Moreno, elaborado por seu filho, Jonathan.

Até a metade do curso de Medicina eu não tinha total certeza de que seguiria a Psiquiatria. Mas em dado momento parti para essa especialidade e, ainda bem jovem, numa época de efervescência política e social, optei pelo psicodrama na hora de escolher uma linha para minha própria psicoterapia. Lembre-se de que estamos falando do início da década de 1970; o psicodrama despontava no Brasil como uma abordagem mais moderna e mais adequada àquele tempo. E, mais, a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS) era a única — naquele momento — a aceitar estudantes de último

ano dos cursos superiores. Ou seja, uni o útil ao que estava na vanguarda social e acadêmica.

À medida que fui me aprofundando no estudo da obra de J. L. Moreno, porém, comecei a ver que o que eu estudava não parecia ser o mesmo aplicado em minhas sessões. Moreno tinha uma proposta muito mais completa e complexa do que aquilo, e eu precisava entender mais.

Comentando essa angústia com um amigo psiquiatra, ele disse: “Por que você não vai para os Estados Unidos e faz um curso no instituto do Moreno? Você tem condições para tanto”. Isso era verdade. Desde a morte de meu pai, além da minha mãe, meu tio e minha avó investiram pesadamente em minha formação. E assim, como presente de formatura do primeiro sobrinho e neto a se formar em Medicina na família, ganhei o sonhado estágio lá.

Assim, em 1973, num gelado inverno do norte do estado de Nova York, comecei meu estágio de 30 dias com o “Doctor” (como assim o chamávamos) no World Center of Psychodrama, na cidade de Beacon. Éramos 17 alunos naquela turma, de várias partes do mundo, com uma dura rotina de três sessões por duas horas e meia de psicodrama por dia, de domingo a domingo (só folgávamos no domingo à noite), incluindo uma sessão aberta aos sábados à noite com a participação da comunidade. Era a consagração do ensinamento de J. L. Moreno que diz que o psicodrama deve ser vivido o tempo todo, enquanto a sociometria serve para compreender e tratar a sociedade.

Para as sessões, usávamos o jardim (quando o tempo permitia), a casa dos estudantes e, principalmente, o teatro terapêutico do instituto — amplo, alto e totalmente equipado para os diversos trabalhos dramáticos. Como Moreno já estava bastante debilitado, as sessões da tarde e da noite eram coordenadas por sua esposa, Zerka Toeman Moreno, e as da manhã por Ann Hale, diretora residente. Nesse clima de “república de faculdade”, os alunos passavam o tempo todo juntos. Vivíamos na casa, tomávamos refeições juntos e concomitantemente nos expúnhamos profundamente em nossos trabalhos

psicodramáticos. Com muita, muita conversa, vivíamos de alguma maneira um “Big Brother” terapêutico da hora em que acordávamos até irmos dormir.

Aos 23 anos, eu era o mais novo da turma. O filho de Moreno, Jonathan, era apenas dois anos mais novo que eu e visitava constantemente o instituto, vindo de Manhattan, onde estudava. Acabamos por selar uma amizade que posteriormente deu asas a este livro e perdura até hoje.

Apesar das dificuldades de locomoção, Moreno concedeu a nós, estudantes, uma grande alegria quando, certa noite, aceitou jantar em nossa residência. Foi a última vez que saiu de sua casa, que ficava na entrada da propriedade, e — sempre vaidoso — se apresentou com terno branco e chapéu. Sua expressão, que misturava sabedoria e ironia, ficou eternizada em um busto esculpido em 1972. Jantamos todos juntos; ele se sentou na cabeceira de uma grande mesa e começou a contar coisas de sua vida e do psicodrama.

Moreno também me concedeu alguns encontros particulares, em novembro de 1973, em seu escritório. Registrei isso com muitas fotos. Rodeado de livros e revistas, o mestre passava seus dias lá, estudando, refletindo. Ao me receber, deu conselhos valiosos para construir minha vida como terapeuta e como pessoa. A imagem desse encontro está imortalizada em uma foto em meu consultório, mas a força desse encontro ficou gravada na minha trajetória.

Hoje, tantos anos depois, minhas lembranças desses encontros mais se assemelham a uma *seudá* (refeição festiva pós-serviço religioso) ou aos *shiur* (aulas sobre judaísmo) de que participei ao longo da vida.

Dali a seis meses, o “Doctor”, que já havia feito suas despedidas, nos deixou, legando ao mundo um projeto em forma de psicodrama. Foi com muita dor que recebi a carta de Zerka — que ainda guardo comigo — destinada a todos os alunos de seu marido, comunicando o falecimento do *moré ánu* (“nosso professor”, em hebraico). Curioso se assemelhar tanto com seu nome: “More-no”.

Eu ainda voltaria ao instituto em Beacon no ano de 1982, quando em nossas correspondências soube que a instituição seria vendida em virtude de dificuldades financeiras da família. Eu não podia perder os últimos momentos do teatro e do grupo a ser treinado naquele local, e assim parti para mais uma imersão no psicodrama. Dessa vez, porém, eu não era mais um molecote *hippie* recém-saído da faculdade. Já era médico psiquiatra praticante e pai.

Essas duas experiências no instituto, concomitantes ao relacionamento com Zerka e Jonathan, acabaram fazendo que eu constituísse o meu “Museu do Moreno”. Ele consiste em objetos, livros anotados pelo mestre, declarações, divulgações de todos os tipos, fotos, pôsteres e muito mais. Esses objetos todos me inspiraram anos depois a escrever um capítulo no livro *O psicodramaturgo* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990) em que essas relíquias participam de uma sessão de psicodrama e dão um panorama de quem era Moreno e do que representaram aqueles estágios.

Durante os anos que seguiram meu primeiro treinamento em Beacon, trouxe Zerka duas vezes ao Brasil para *workshops* de psicodrama na Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), onde ampliei e completei a minha formação.

Também fiquei em constante contato com Jonathan. Sempre que podíamos marcávamos de nos ver em congressos e viagens. Em 1989, ele publicou no volume 42 do *Journal of Psychodrama, Group Psychotherapy and Sociometry*, um artigo que acabou se tornando o material principal do livro que você tem em mãos. Dois anos depois, jantei com ele e mencionamos essa matéria. Como eu estava lançando minha primeira obra sobre relacionamento masculino-feminino e havia pedido a Zerka que fizesse o prefácio, me ofereci para publicar esse texto em forma de livro, fazendo a tradução e correndo atrás de uma editora. Seria algo inédito no mundo — ele me disse que não estava fácil encontrar uma editora por lá.

Para isso me propus realizar a tarefa de unir o conteúdo do artigo com aquilo que entendo ser psicodrama, ligando tudo isso às

raízes religiosas de J. L. Moreno. E assim, enquanto eu escrevia meu primeiro livro, traduzia este aqui. Depois publiquei meu segundo livro, mas esta tradução não acabava. Aconteceu que, ao buscar as raízes religiosas de Moreno, acabei por perceber minha própria origem interferindo na tradução. O prazer de ler e reler cada parágrafo, as várias passagens que aqui estão descritas, os termos em ídiche que minha tia ajudava a traduzir... tudo isso me fascinava. Eu queria ficar viajando na história de vida desse homem, já que tudo me era muito familiar e ao mesmo tempo me transportava para as lembranças de ter vivido diuturnamente o verdadeiro psicodrama naquele ambiente. E aí veio a cobrança de Zerka, que me escreveu: “Você não ficou de publicar a autobiografia? Já publicou esses outros e nada do nosso?”

Acordei da minha “viagem” e terminei o livro, incluindo algumas traduções de termos da cultura judaica, explicando um pouco mais o que alguns significavam e ilustrando com uma pequena parte do material fotográfico de minha passagem por Beacon. Foi — no final — uma maneira de participar mais pessoalmente da publicação, de modo que transcendesse uma mera (e fria) tradução. Fiz questão de ter em mente a voz, os gestos, as lembranças do que ele havia me deixado como marcas de sua personalidade, para ser o mais fiel possível na tradução de sua pessoa na autobiografia. Ao escolher a capa do livro, criei um fundo em que escrevi seu nome em hebraico.

Hoje, ao ler ou reler este livro, você, leitor — seja estudante, profissional psicodramatista ou amante de leituras biográficas —, vai automaticamente enxergar, com vivacidade e detalhamento, as cenas apresentadas. A primeira delas aparece logo na apresentação feita por Jonathan Moreno, que fala de sua relação com J. L. O filho se considerava o maior crítico e o maior defensor do pai e, por intermédio de suas palavras, é possível entender como J. L. foi, como se aproximou do filho e conviveu com ele e a leitura pessoal que Jonathan faz da vida de seu pai. Mais do que tudo, é a possibilidade de um filho olhar esse pai em toda sua plenitude, entendendo como viveu e, apesar do elevado nível crítico, expressar e declarar seu amor a ele.

Não há como não se emocionar sabendo dessa cena do pai “levando a sério os conselhos cautelosos” do filho quando com 8 anos de idade e depois ver que nesse seu legado é tão bem cuidado por esse mesmo filho.

Em seguida, Jonathan traz mais detalhes sobre os manuscritos do pai. J. L. deixou um enorme material autobiográfico escrito, em especial um manuscrito de 500 páginas, mas coube ao filho selecioná-lo e limpá-lo, tirando redundâncias e aprimorando o “desajeitado inglês germânico” do pai. Essa massa de informação sem muita coerência (nas palavras de Jonathan) que J. L. Moreno legou ao filho foi — por muito tempo — um impedimento para que esta autobiografia saísse. Por sorte, também o convenci a publicá-la naquele jantar. E, por amor e respeito, pudemos transformar aquele material nesta obra que registra a vida de um homem e seu tempo e lhe dá mais valor.



Moreno e eu em 1973

Nesta autobiografia, Moreno ressalta sua identidade judaica em diversos momentos, como quando menciona o seu *bar mitzvá* (maioridade judaica) e a *baklavá*¹, iguaria que sua mãe cozinhava. Zerka, aliás, dizia que ele era muito flexível ao comer, nada exigente nem quando viajavam. Mas a origem judaica também vai se refletir em toda sua obra.

Mais parecendo um *madrich* (líder de movimento juvenil judaico), J. L. Moreno entretinha as crianças no início do século 20 em Viena, na Áustria, transmitindo-lhes sutilmente conceitos de fraternidade, bondade, humildade e dedicação ao próximo, todos ligados a *tsedacá* (mandamento judaico de doação espiritual e da busca de justiça social). Sobre a experiência de relatar contos de fadas a esses infantes, ele disse:

Descobri que nunca conseguia repetir a mesma história, que sentia uma obrigação para comigo mesmo e para com as crianças de manter a sensação de encantamento delas mesmas quando o enredo era o mesmo, mantendo-me num nível de espontaneidade e criatividade, a fim de estar à altura das demandas rigorosas do meu ego criativo, que não me dava a “licença poética” de ser menos. [...] Quando olho para uma criança, vejo “sim, sim, sim, sim”. Elas não precisam aprender a dizer sim. *Nascer é sim*. Você vê a espontaneidade na sua forma de vida. Está descrito por toda parte na criança, em sua “fome de atos”, em como ela olha para as coisas, em como ouve as coisas, ao se apressar no tempo, quando se move no espaço. Como agarra os objetos, como sorri e chora. [...]

Nada mais judaico.

Ao dedicar-se aos refugiados com seu amigo Chaim Kellmer, que estava prestes a fazer uma *aliá* (retorno a Israel), dava aulas e reforços nos estudos e recebia como pagamento cama e comida.

1. Doce feito com massa folhada fina, recheada com geleia, nozes e amêndoas. [N.T.]

Pedia que entregassem seus honorários como doações a uma instituição onde ele e Kellmer prestavam trabalhos voluntários. Nada mais judaico.

Em sua teoria de desenvolvimento de papéis e nas referências ao que considerava importante ser abordado no ser humano, incluía a necessidade de reconhecimento. Reconhecer-se como indivíduo com centelhas divinas. Todos são divinos. Moreno nunca foi afeito a que o indivíduo se culpasse, caracterizando os chamados complexos de inferioridade, nem a interpretar os desejos ocultos a fim de mostrar ao indivíduo como ele age errado. Ao contrário, ele era a favor do contato sincero, direto, tético (tele como capacidade de percepção, de emissão e de colocar-se no lugar do outro) — como maneira límpida, transparente, de relacionamento entre as pessoas. Cada um deve, sim, desenvolver ao máximo seus potenciais, semelhante ao Deus criador.

Indubitavelmente sua obra, ao contestar em muitos momentos a psicanálise dominante na época, passa pelos preceitos mais importantes dos ensinamentos judaicos: o dever de comemorar-se sempre e com alegria. A alegria deve estar sempre presente. “Levanta-se do *Shive*” (fase de rezas do luto fechado pela morte de um ente querido) para comemorar-se o *Shabat*, o dia da semana sagrado da vida. Há sempre o que comemorar, mesmo nessas horas. Enfim, por meio da alegria, o homem se eleva, tornando-se menos vulnerável e fraco. Quando Moreno morreu, inscreveu-se em sua lápide: “Aqui jaz o homem que abriu as portas da Psiquiatria para a alegria”. Nada mais judaico.

Moreno acreditava piamente no ser humano e no seu potencial. Quem se coloca como Criador desenvolve seu potencial máximo, acredita-se capaz de transformar a si e também ao outro.

Em *As palavras do pai*, ele mostra que a relação humana recria um milagre, uma ação divina na sua intensidade plena, no vínculo afetivo direto. Indica a responsabilidade que temos com a vida, a nossa e a do outro. Ele enfatiza o EU e como a primeira pessoa é capaz

de ser responsável pelo mundo à sua volta, pela sociedade, pela natureza, pelo ambiente, pelo corpo físico e espiritual. Transcende o agora e parte para o Universo Cósmico e para a transcendência através das gerações.

LUIZ CUSCHNIR

outubro de 2013

APRESENTAÇÃO

Como poderia o pioneiro do psicodrama e da sociometria, do jogo de papéis e da psicoterapia de grupo, do moderno teatro da espontaneidade, de grupos de encontro e da arteterapia, e até de uma técnica para gravações sonoras — como poderia alguém possuidor de tamanho gênio criativo, com tantas influências na cultura contemporânea —, como poderia um homem como esse ser tão mal compreendido em sua época? Esse é o mistério da vida de J. L. Moreno.

Em outros tempos, Moreno talvez tivesse sido um profeta religioso, um mágico ou um guru; em seu próprio tempo, ele foi tudo isso e mais, um cientista. Qualquer que fosse o seu papel, ele teria procurado curar almas enfraquecidas, restabelecer vidas que não tinham sentido e ajudar aqueles que tivessem perdido seus sonhos a sonhar de novo. O que mais lhe doía era ver pessoas sem confiança em seu próprio poder criativo e sem a espontaneidade necessária para criá-lo. Para Moreno, onde há espontaneidade e criatividade há, no mínimo, esperança.

Por isso, Moreno amava crianças mais do que adultos, doentes mentais mais do que pessoas sadias, e atores mais do que intelectuais. Ele apreciava o jogo imaginativo infantil, os excessos do psicótico e a fome do ator para obter mais um papel. Para ele, as instituições eram “conservas” que restringiam a espontaneidade e a criatividade. As máquinas eram o símbolo do maior perigo que a humanidade enfrentava no século 20: o de que nós próprios nos tornaríamos robôs incapazes de desenvolver formas novas e adequadas de vivermos uns com os outros.

Entretanto, Moreno não foi um reacionário desejoso de um passado “mais puro”. Ao contrário, empenhou-se a vida inteira numa série espantosa de atividades eminentemente modernas, de projetos de comunidades terapêuticas à previsão dos vencedores de campeonatos de peso-pesado para importantes jornais. Em suas viagens fez muitas conferências, apreciando qualquer oportunidade de divulgar suas ideias. Muitas destas eram, em sua opinião, verdadeiramente revolucionárias, apresentando a possibilidade de uma mudança bem mais fundamental na vida social do que as de um Darwin, um Marx ou um Freud.

Assim, a inspiração de Moreno provinha mais das tradições religiosas antigas, da filosofia grega e do drama clássico do que da ciência social moderna e da psiquiatria, embora ele fosse um incansável estudioso nesses campos. Em consequência, isso o colocaria à parte da principal corrente científica, ainda que ele continuasse a exercer uma influência inegável sobre ela, em geral *de fora*.

Moreno sabia que sua ardente independência e megalomania, como ele mesmo costumava mencionar, mantê-lo-iam como um estranho (*outsider*), mas ele era ambivalente sobre seu *status*, inclusive apreciando a liberdade que isso lhe dava. Aos 30 anos, fundou seu próprio movimento religioso, seu próprio teatro e sua própria revista; 25 anos depois, já tinha um hospital psiquiátrico, uma escola e uma editora. Mas percebeu que o isolamento total era impossível e auto-destrutivo. Porém, com alguma ambivalência, propôs apresentações em sociedades profissionais, conferências em universidades e aceitou até lecionar por um tempo ocasionalmente. Em geral, ele achava esses contextos enfadonhos, aborrecidos, apesar de não permitir que abafassem sua espontaneidade natural — às vezes com consequências infelizes.

Décadas antes da ampla aceitação da psicoterapia de grupo ou da realização de grupos de encontro, terapia familiar, terapia gestáltica e outras, Moreno realmente estava sozinho na propagação de métodos grupais. Sua confiança no poder curativo do tratamento em

grupo baseava-se em sua crença de que, em princípio, o amor humano altruísta é um recurso infinito. Moreno considerava o clima psicanalítico dominante nos Estados Unidos daqueles dias uma atitude unidimensional e destrutiva, que reduzia a natureza humana a seus componentes mais básicos. Muitas vezes, ao tentar demonstrar técnicas de ação construídas sobre o sistema social de um grupo verdadeiro de profissionais, ele era expulso da sala sob vaias.

Essas experiências consolidaram a falta de inclinação natural de Moreno para submeter-se às restrições de instituições externas. Apesar do teimoso comprometimento com suas ideias, não degenerou para a arrogância — o resultado final foi ambíguo. De um lado, possibilitou-lhe resistir à dúvida pessoal originada pela rejeição de seus pares; de outro, aumentou seu desejo de ter suas ideias mantidas conforme surgiam em sua mente, com medo de que sua pureza fosse distorcida por outros. Não que Moreno se preocupasse com que seu nome fosse ligado à sua produção. Ao contrário: quando jovem, ele publicou uma dúzia de pequenos livros anonimamente e acreditava sempre que no final todas as ideias derivam da mesma fonte espontâneo-criativa.

Por ironia, esse estilo protetor trouxe duas espécies de resultado divergentes. Não só o nome de Moreno era com frequência dissociado de suas ideias, conforme permeavam a cultura mais amplamente, como também, não tendo uma figura de parte do “sistema” com a qual pudessem se identificar, elas em geral perdiam sua integridade. Técnicas psicodramáticas se tornavam jogo de papéis, dramaterapia ou, mais tarde, elementos de outras modalidades terapêuticas. A análise sociométrica tornou-se genérica para métodos quantitativos em sociologia e psicologia social e se separou do trabalho terapêutico com pequenos grupos. A psicoterapia de grupo perdeu sua ligação sistemática com o psicodrama e a sociometria, e a agitação do *improptu theater* se dispersou em várias versões do pretense teatro do improviso.

Seria errado concluir que Moreno foi um profeta não reconhecido em seu tempo. Com certeza houve honrarias suficientes, as quais descreverei, ainda que talvez não sejam adequadas às suas realizações. Mas existe o elemento trágico de sua história, trágico no sentido clássico em que o orgulho do herói é seu pior inimigo. Curiosamente, a típica forma de orgulho não se manifestou como desdém pelos outros, mas como uma confiança ilimitada no potencial humano. Aqueles que não compartilhavam dessa confiança, ou eram ameaçados pelo modo como ele buscava sua lógica, eram os que não podiam tolerá-lo, enquanto os que compartilhavam dela, ou precisavam acreditar nela, encontravam nele um poderoso pai.

A essência da história da vida de Moreno, creio, é a incessante perseguição de sua crença no potencial de todas as pessoas. Aprofundando-se nesse caminho, ele empreendeu seu próprio psicodrama.

O dilema existencial que ocorreu com Moreno quando tinha 20 e poucos anos — embora tenha sido previsto em acontecimentos anteriores — foi este: o que significa esse “eu”, esse “mim”? Seria um insignificante nada, uma mancha momentânea num selvagem infinito e eterno, na essência sem significado? Ou é tudo que há e pode ser, a coisa maior que existe, o próprio Cosmos? Aplicando uma variante do que outro médico-filósofo, William James, chamava de vontade de acreditar, Moreno escolheu a última opção. Por que não? Por que escolher ser o mínimo em vez de ser o máximo que se pode ser?

Naturalmente, muitas pessoas já se fizeram essa pergunta através dos anos e em cada canto. O que as diferenciou foi a maneira como modelaram sua escolha, e em parte ela tem sido reflexo de circunstâncias culturais, tradições, imagens e metáforas às quais cada uma dessas pessoas teve acesso. Moreno descendia de uma linha de judeus sefarditas, espalhados em ondas que se estenderam da Espanha à Turquia. O nome Moreno foi da família por muitas gerações (embora seu nome de batismo fosse Jacob Moreno Levy), sendo um prenome antigo e ilustre naquela parte do mundo judaico. Seus antepassados

mais próximos foram sábios e negociantes; nenhum, que se saiba, foi médico.

Submetida frequentemente a infames ataques, inquisições e *pogroms* em seus lares adotivos, essa gente tinha como única grande preocupação espiritual o problema do messias. O misticismo era parte diária da rica vida folclórica dessas pessoas, e o universo era visto como um lugar misterioso e, literalmente, terrível. Focos de entusiasmo religioso surgiam aqui e ali, e apareceram vários “falsos messias” muito influentes. Um desses, talvez o mais importante, apareceu na Turquia, sendo mencionado nesta autobiografia. A carreira de Sabbatai Zeví criou uma reação extraordinária e convulsiva entre os judeus e parece até ter ameaçado a estabilidade das leis do sultão. Quando esse movimento terminou, com a aparente conversão de Sabbatai ao islamismo, a comunidade estava desorganizada.

O pai de Moreno era turco; portanto, de acordo com o costume da época, ele era considerado turco apesar de ter nascido na Romênia. Não se sabe durante quantas gerações a família viveu na Turquia, mas parece ter-se entrosado bem naquele meio. A descrição que Moreno fazia de sua mãe dava impressão de que ela era a via de transmissão dessas tradições místicas no lar.

O papel messiânico era, pois, intimamente familiar para o jovem Moreno. Dava forma ao seu estilo pessoal expansivo, gregário e compassivo e à tendência dos outros de admirá-lo por seu carisma. Ele disse, refletindo retrospectivamente, que poderia ter entrado numa verdadeira psicose nessa ocasião, mas, pelo fato de isso não ter ocorrido, convenceu-se de que não há necessariamente algo patológico nas preocupações messiânicas. Na verdade, elas podem ser vistas como expressões de hipercriatividade. Antecipando movimentos recentes “antipsiquiátricos”, o objetivo de Moreno em terapia nunca foi atingir certa normalidade fictícia (e monótona), mas treinar em níveis mais altos de espontaneidade para que, quando pronto, o protagonista pudesse trocar esse papel por outro.

Moreno não se dispunha a dissociar-se desses *insights* precoces. Seus *insights* eram uma parte muito forte dele para ceder ou se fazer “respeitáveis” aos olhos de seus colegas menos imaginativos. O refrão simplista “Esse Moreno realmente pensa que é Deus” o perseguiu durante toda sua carreira. Moreno não salientaria o próximo passo crucial em seu raciocínio: se se quer de fato ser amoroso e bom, deve-se fazer o papel de Deus (*Godplayer*), pois nenhum outro papel pode aproximar a transmissão dessas qualidades em sua plenitude. Qualquer um que se esforce para obter a perfeição dessas qualidades deve ser um *Godplayer*.

Para entender o psicodrama pessoal de Moreno, sua identificação com a divindade (*Godhead*), deve-se vê-lo como um representante de toda a humanidade. Moreno, porém, estava muito ocupado perseguindo sua ideia fixa para explicá-la aos outros. Ele teria dito: “É por isso que todos precisamos de egos-auxiliares para nos dar uma mão; é por isso que deveríamos ajudar Deus em seu trabalho com o Cosmos, sendo egos-auxiliares Dele. Há tanta miséria e sofrimento no mundo que até Deus parece incapaz de curar tudo sozinho, portanto precisamos repartir a responsabilidade”.

Nesse espírito eu escrevo esta apresentação — como o ego-auxiliar de meu pai. Esse é o papel tradicional para os filhos assumirem, o mais antigo que existe. Para ser um bom ego-auxiliar, devo trocar de papel com ele, mesmo ele estando morto. O fato de ele estar morto não deve influenciar a inversão de papéis, contanto que eu seja espontâneo o bastante. Os pais são capazes de trocar de papel com seus bebês e atender a suas necessidades mesmo quando estas não são proferidas pela criança; quando os pais envelhecem e ficam senis, seus filhos eficazmente invertem o papel com eles.

Quando entrei em cena, meu pai tinha 63 anos de idade. O vigoroso aventureiro descrito nestas páginas esteve presente esporadicamente durante minha infância, pois eu vim a conhecer meu pai em seus primórdios tanto quanto o leitor conhecerá.

Como a maioria dos filhos, fui o mais persistente crítico do meu pai, bem como seu mais apaixonado defensor. E, como a maioria dos filhos, pouco me interessei por sua vida anterior ao meu nascimento. Isso começou a mudar mais ou menos na época em que entrei na faculdade, e, como diz o provérbio, voltei para casa e achei que ele tinha se tornado muito mais sábio e interessante. Certa manhã, mergulhei minha atenção nele durante três horas, ouvindo pela primeira vez, enquanto ele relembrava seus próprios anos na universidade, muitas das histórias que constam de sua autobiografia. Comecei a insistir para que ele as escrevesse, o que, para meu imenso prazer, ele fez pouco depois.

O texto por si mesmo é um *tour de force* da vida cultural do século 20, bem como o relato de uma jornada espiritual. Mas a jornada é descrita do seu interior, não como um registro histórico. O leitor vai querer saber mais sobre as reais circunstâncias históricas, sobretudo nos últimos anos de vida do meu pai. Tal relato pode ser dado aqui esquematicamente, aguardando as mãos de um biógrafo.

Creio ser justo dizer que por volta de 1950 a reputação de Moreno nos Estados Unidos atingira o ápice. Suas teorias sobre a reconstrução social das comunidades, especialmente conforme apresentadas em *Quem sobreviverá?*, atraíram muita atenção de círculos civis e militares durante a guerra. O próprio presidente Roosevelt pediu para conhecer Moreno em Hyde Park e elogiou a sociometria, chamando-a de “sociologia progressista”. O jornal *Sociometry* era popular na instituição científico-social e publicava as personalidades mais importantes em artigos e discussões candentes. John Dewey tinha cópias de *Quem sobreviverá?* e de *Sociometry, experimental method and the science of society* [Sociometria, método experimental e a ciência da sociedade] em sua biblioteca particular e, junto com Margaret Mead, participou de diversos conselhos editoriais de Moreno, sendo seguido pelo decano da psiquiatria americana Adolf Meyer, da Johns Hopkins. William Alanson White e Winfred Overholser tinham instituído o psicodrama no St. Elizabeths Hospital, em Washington, D.C., e admi-

raram o seu poder clínico. O que era então o departamento de relações sociais de Harvard estava repleto de amigos e colaboradores de Moreno, incluindo Pitirim Sorokin, Samuel Stouffer e Robert Freed Bales. Henry Murray, no departamento de psicologia, era um amigo íntimo e assim foi até a morte de meu pai. O centro de treinamento de psicodrama em Beacon era uma incubadora de atividades para os jovens profissionais que buscavam alternativas à psicanálise: o hospital psiquiátrico em Beacon tratava de pacientes considerados “não tratáveis” em outros lugares, e parecia haver em quase todos os distritos escolares do país um orientador designado de “sociometrista” para ajudar a organizar um ambiente social próprio à aprendizagem.

Moreno não pôde resistir, permanecendo o *enfant terrible* da psiquiatria americana, apesar da presença de uma corrente de aceitação. Quando concorreu à presidência da Associação Americana de Psiquiatria (APA), disse que o fazia porque a instituição nunca elegera um gênio como presidente. Aliás, a comunidade psiquiátrica nunca o aceitou completamente, pelo menos não nos Estados Unidos, embora o mesmo não possa ser dito em relação à sociologia e à psicologia clínica. Muitas vezes, Moreno desdenhou o prestígio que automaticamente é associado a quem detém um diploma médico nos Estados Unidos, e os sociólogos eram menos formais e abertos a novas técnicas para aplicação de sua ciência inovadora. Em psicologia clínica e psicoterapia, a história foi mais complexa.

Moreno se considerava, com muita propriedade, o *pater familias* dos métodos de terapia de ação. Mas seus padrões de lealdade quase sempre tornavam periclitante o relacionamento com estudantes promissores. Kurt Lewin, por exemplo, foi um “protegido” por algum tempo, e Moreno sentiu-se um tanto abandonado pelo subsequente percurso de Lewin e de seus seguidores. Mas o mais amargo rompimento por alguns anos foi entre Moreno e o fundador da Associação Americana de Psicoterapia de Grupo (AGPA), Sam Slavson. A Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (ASGPP) de Moreno refletia seu estilo despojado, e as credenciais eram irrelevantes.

tes para qualificar a associação de um membro. A AGPA era orientada mais para profissionais doutorados — uma ironia, pois o próprio Slavson não tinha esse nível de estudo. Durante os anos 1950, a rivalidade entre Moreno e Slavson às vezes chegava ao absurdo, como quando este alegou que o psicodrama fora inventado por um sueco chamado Jorgensen e importado para os Estados Unidos por um far-sante chamado Moreno. Não tenho dúvida de que meu pai teve certa culpa nesses casos. Mas o tempo é um santo remédio, e felizmente nos últimos anos se vê muita integração entre as duas sociedades.

Enquanto na década de 1950 o psicodrama e a sociometria estavam sob tensão nos Estados Unidos, a Europa era solo fértil. Moreno, por natureza, não era um bom viajante, mas minha mãe, Zerka Moreno, era um gênio em organização e facilitou sua volta ao continente numa série de viagens movimentadas. Para sua alegria, Moreno descobriu que suas ideias eram saudadas com curiosidade e entusiasmo por seus colegas europeus, que trabalharam duro no ambiente pós-guerra com complexos problemas sociopsicológicos. Lá ele foi recepcionado como uma espécie de herói e filho que à casa torna, ocupando seu lugar como líder do movimento internacional de psicoterapia de grupo. Como fundador da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo, ele também promoveu a reaproximação com a AGPA em casa.

Portanto, foi na Europa que Moreno foi mais reconhecido enquanto envelhecia. A Universidade de Barcelona lhe concedeu um doutorado *honoris causa* em 1968, e a Universidade de Viena lhe concedeu seu diploma de “*golden doctor*” pelos 50 anos de serviços — ele recebeu seu diploma de médico em 1917. Em 1968, foi realizada uma cerimônia em Bad Vöslau, arredores de Viena, seu lar de 1917 a 1925, ocasião em que se colocou uma placa na casa em que viveu como médico municipal. Como consta da placa, lá ele aproveitou seu período criativo mais rico e desenvolveu as ideias básicas para o psicodrama, a sociometria e a psicoterapia de grupo. Era comum que os jornais locais festejassem sua visita à cidade como a de um famoso

dignatário — um jornal de Amsterdã o chamou de “Freud da psicoterapia de grupo”, numa manchete durante o Congresso Internacional de Psicodrama de 1971.

Hoje em dia, a atividade psicodramática na Europa é vibrante. O psicodrama psicanalítico é uma força importante na França, e meia dúzia de institutos de psicodrama atua na Alemanha Ocidental, bem como na Escandinávia, na Inglaterra e no resto do continente. Na Europa Oriental, o psicodrama também é praticado regularmente. As ideias de Moreno penetraram ainda no hemisfério sul, em especial na América do Sul, onde grandes sociedades de psicodrama têm surgido.

Mas, em casa, o reconhecimento foi esporádico. No final dos anos 1950, Alexander King publicou suas memórias, enfocando sua luta contra o uso de drogas em decorrência de uma doença nos rins e dizendo coisas gloriosas sobre seu tratamento sob os cuidados de Moreno no hospital de Beacon. Em 1962, John Kobler escreveu um artigo para o *Saturday Evening Post* que chamou a atenção inusitada da mídia para o psicodrama e para Moreno. Mas os anos 1960 foram cada vez mais caracterizados pela preocupação com o novo movimento. Em *Please touch*, Jane Howard apresentou uma história curta, um tanto cáustica, na qual ela descrevia Moreno em termos desfavoráveis. Foi uma experiência típica daquele período, no qual ele assistiu à canibalização de várias de suas ideias com muita ambivalência.

Ainda assim, Moreno insistia na sua prioridade, e não sem resultados. Embora ele e Fritz Perls, que havia sido um devoto das sessões de psicodrama em Nova York, tenham discutido abertamente, Perls, sem se referir explicitamente a Moreno, reconheceu sua dívida ao “psicodrama” em suas memórias, *Escarafunchando Fritz – Dentro e fora da lata de lixo*. Por um lado bem diferente, Viktor Frankl percebeu que o *insight* profundo que levava à logoterapia apareceu numa sessão de psicodrama que estava conduzindo. Os elogios costumavam vir em forma sincera de lisonja, como no caso da terapia do “grito primal” de Ivan Janov. Os psicodramatistas haviam praticado durante anos a técnica de regressão com seus pacientes, mas não excluindo

nenhuma outra intervenção, como foi o caso da terapia primal. Janov, entretanto, se considerava um crítico do psicodrama.

Retrospectivamente, talvez tenha sido bom que o psicodrama não tenha sido identificado com o período do “grupo de sensibilidade e do encontro”, que sofreu com alguns excessos muito propagados. O psicodrama por si só já provocava enorme desconfiança. Entretanto, retinha seu lugar em contextos clínicos, posições nas quais as modalidades “abrir-se” e “crescer” não podiam criar raízes — e sem as quais elas poderiam ser apenas ilusões passageiras da cultura dos anos 1960.

Assim, a força do gênio criativo de Moreno foi tal que suas ideias penetravam na sociedade, apesar de sua reputação permanecer marginalizada, em geral apreciada por aqueles que estavam mais bem informados a seu respeito. Sua resistência ao conservadorismo trabalhava contra ele, acredito, de duas maneiras fundamentais. Primeiro, ele se recusava a procurar a publicação comercial de seus livros, assegurando que só aqueles já dispostos a seguir suas ideias se dariam ao trabalho de ficar expostos a elas. Em segundo lugar, ele dispensava a associação com uma universidade importante, tendo em consequência o surgimento de alunos influentes que perpetuariam seu trabalho na academia.

Ofereço essas ideias como esclarecimentos, não como críticas. Comparadas com a visão de Moreno, quaisquer discussões de táticas são triviais. Estou muito próximo deste texto para saber se essas visões brilham tanto quanto deveriam, como acontece cada vez que um psicodramatista experiente as revive numa sessão, ou quando um sociometrista expõe a realidade social escondida para um grupo. Afinal, estas palavras foram compostas por um homem no fim da sua vida, cheio de nostalgia e sentimentalismo. Podem ser confiáveis?

Já mencionei meu papel em nosso lar como o crítico mais íntimo de meu pai. Era seu destino ter um filho que zombasse de seus aparentes exageros. Ele levava a sério os conselhos cautelosos de um menino de 8 anos, apesar do que esse grande homem havia feito e

passado. Não é de admirar, pois, que, mesmo quando leio suas memórias com prazer, após sua morte, ainda sinta algum ceticismo sobre determinados momentos relatados de forma mais dramática. Numa única visita memorável a Vöslau, seu lar espiritual, em 1984, minhas ideias mudaram muito.

Visitei Vöslau com Grete Leutz, uma das mais queridas alunas de meu pai, descrita nestas memórias. Enquanto estávamos lá, perguntamos sobre o paradeiro de Marianne, a companheira mais chegada de Moreno naqueles primeiros anos. A resposta foi que ela falecera seis meses antes, mas, para nossa alegria, sua irmã mais nova ainda vivia. Combinamos um encontro.

Num dia quente de verão, durante várias horas, nos arredores de Viena, fui levado a uma viagem de volta à era romântica e colorida que meu pai descreve nos primeiros capítulos de sua autobiografia. Uma senhora ativa de rosto redondo, em seus 70 e tantos anos, nos regalou com histórias sobre essa época, falando-nos sobre o *Wunderdoktor*², que tratava dos camponeses pelo preço que pudessem pagar e contava histórias de fadas às crianças. “A senhora conheceu amigos do meu pai”, perguntei, “como Peter Altenberg, o poeta?” “Oh, sim”, respondeu. Ela conhecia todos. Ele ia para Viena duas vezes por semana para os bares ou para dirigir o teatro da espontaneidade, e ao voltar encontrava pessoas em sua porta, vindas de quilômetros de distância, esperando por um exame médico. Ela disse que ele teve o primeiro aparelho de raios X da região, mantido ainda no sótão porque seu irmão o ajudara a operar a máquina. Foi com o irmão dela que Moreno criou o radiofilme, a invenção que levou ambos para os Estados Unidos. Ela até nos mostrou fotos de meu pai que nunca tínhamos visto antes. Para um filho que não conhecera o pai na juventude, essa foi uma ocasião extraordinária.

Mas um caso em particular deve ser mencionado. Ele era famoso por sua excentricidade, contou ela. Certa vez, quando estava

2. Médico milagroso. [N.T.]

com alguns amigos em um bar, alguém em outra mesa disse, como os vienenses ainda fazem para enfatizar, “meu Deus!” Ao que Moreno ergueu-se, olhou em volta e gritou: “Alguém Me chamou?” Fiel ao seu projeto, ele estava sempre pronto para substituir Deus quando parecesse necessário, e todos aceitavam esse “fazendo o papel de Deus” como sincero, mas com certo divertimento.

A emocionante experiência em Vöslau transformou minha atitude para com as lembranças de meu pai. Não são só devaneios românticos, mas considerações definidas e sábias sobre tempos e pessoas extraordinárias. Não é de admirar que a exortação favorita de Moreno num grupo psicodramático era para que todos “entrassem em ação”, porque ele vivia em meio a uma roda-viva que deixava quase todos nós sem fôlego.

Há alguns anos, em sua autobiografia, Elisabeth Bergner, talvez a maior atriz do palco e do cinema alemão, lembrou seu professor particular da infância, um moço que a introduzira no jogo espontâneo e lhe dera vida como artista. Ela era fascinada pela sua barba.

Naqueles dias, somente homens muito velhos usavam barba. Meu pai tinha bigode. Moreno usava uma barba como Cristo, como percebi mais tarde. Ele era alto e magro, tinha lindos olhos azuis dominadores que sempre sorriam e cabelos escuros. Acho que era maravilhosamente bonito. Ainda acho isso agora. O mais fascinante era seu sorriso. Era uma mistura de caçoada e bondade. Era amoroso e divertido. Era indescritível.

Para muita gente, Moreno parecia já ter nascido um velho sábio, mas em seus últimos anos ele reassumiu a megalomania, parte tão essencial de seu ser. Não que ele estivesse se tornando mais sábio: mas, no verdadeiro espírito da sabedoria, ele aprendera com o envelhecimento o que não pôde aprender na juventude. Para Moreno, o *Godplayer* aprendeu tarde na vida quão grande era sua dívida para com os outros, que os *Godplayers* dependem de egos-auxiliares não

menos que Deus. Já em sua octogésima década, Moreno demonstrava uma coragem e uma honestidade intelectual que davam à sua vida de trabalho nova pungência e significado.

Em seu leito de morte, meu pai não estava como Moisés, sozinho na montanha, mas como um pioneiro rodeado por seus mais devotados companheiros. E ele não aguardou a morte, pois colocou o processo em andamento ao recusar-se a comer. A morte de Moreno foi o que Nietzsche chamou de uma “morte livre”, que chegou na hora certa e dessa forma confirmou a vida que ele tanto amava. Quando morria, retornou ao seu alemão. Talvez estivesse se lembrando das crianças nos jardins de Viena que lhe ensinaram o jogo de papéis, ou do pequeno profeta que descobrira em Bucareste 80 anos antes. Quando Moreno foi para Deus, foi como um velho amigo.

JONATHAN D. MORENO

INTRODUÇÃO

Durante vários anos antes de sua morte, em 1974, J. L. Moreno preparou uma grande quantidade de material autobiográfico. Embora muito tenha sido escrito em estilo aforístico e permaneça inédito, o manuscrito de cerca de 500 páginas foi claramente previsto como uma autobiografia tradicional. Infelizmente, esse trabalho carece da coerência que Moreno talvez lhe tivesse prestado se tivesse tido mais tempo e menos idade. Afora a redundância e a irrelevância, o manuscrito original está marcado por uma pronunciada concentração nos anos anteriores à sua emigração da Áustria para os Estados Unidos.

Apesar de o manuscrito inteiro conter essas limitações, ele parece, àqueles que têm a oportunidade de lê-lo, conter parcialmente um material de grande interesse histórico e filosófico. Embora grande parte do texto seja também charmosa e estimulante, potencialmente uma “boa leitura”, como um todo ele não teria valor comercial.

Por isso, meu objetivo como editor foi o de reduzir o manuscrito a um documento menor, sem privar o leitor do prazer da leitura. Em termos de estilo, isso significou conter às vezes o desajeitado inglês germânico de Moreno, eliminando passagens redundantes. Onde palavras ou trechos foram eliminados aparecerão reticências entre colchetes. Esclarecimentos editoriais³ no texto estão entre parênteses.

Tentei manter apenas aquelas passagens de maior interesse histórico, que tratam de assuntos não descritos previamente nos escritos de Moreno. São sobretudo exemplos de como os primeiros anos de

3. Assim como os esclarecimentos do tradutor. [N.T.]

Moreno puseram-no em contato com o extraordinário meio cultural e político da Europa Central nas primeiras duas décadas do século. Passagens históricas que foram mantidas também focalizam o desenvolvimento das ideias de Moreno, em parte por meio de sua educação e em parte por aspectos pessoais de sua vida.

Com referência a esta última, devo mencionar que a vida amorosa incrivelmente ativa de Moreno é um aspecto mais dominante no manuscrito original do que nesta versão. A maior parte desse material foi aqui eliminada principalmente por limitações de espaço e em parte porque, passando além de certo ponto, pouco acrescenta à mensagem. O que permanece se refere a relacionamentos que foram críticos para o desenvolvimento criativo de Moreno.

Muitos filósofos importantes sobressaíram por sua vida e por seus pensamentos. Qual seria a filosofia de Sócrates sem a história de sua vida e morte? Pode-se dizer que o gênero da autobiografia nasceu da visão de Augustine, exemplificado em suas *Confissões*. Nessa visão não se devem diferenciar muito fortemente grandes *insights* de grandes experiências. Observações similares se aplicam a Rousseau e Kierkegaard. Nietzsche, ainda que não seja estritamente um autobiógrafo, escreve de forma que torna transparentes as principais correntes de sua vida interior. Com seus escritos, Moreno faz parte dessa tradição, portanto este documento vale como uma parte legítima do corpo de seu trabalho.

Como acadêmico, gostaria de ver esses excertos estimularem outro projeto. Não existe nenhum estudo completo sobre a relação das ideias de Moreno com as dos seus contemporâneos em Viena e arredores. Entretanto, suas preocupações teológicas, científicas, existenciais e teatrais têm eco no trabalho de muitos outros. Pode-se dizer até que elas representam as linhas principais da cultura ocidental no século 20. Deixo a outro que prove essa afirmação.

JONATHAN D. MORENO

setembro de 1988